



Ana Pérez-Quiroga

O quase mesmo autógrafo / The almost same autograph

2016

PT

No final da década de oitenta e até 1994, viajei diversas vezes para Nova Iorque. Numa das viagens de regresso a Lisboa, enquanto esperava numa sala de embarque do aeroporto John F. Kennedy, Amália apareceu acompanhada dos seus músicos para embarcar no mesmo avião. Tinha dado um concerto no dia 2 de novembro de 1990 no Town Hall de Nova Iorque, o qual tinha sido, como é óbvio, um sucesso.

Não resisti e pedi-lhe um autógrafo. Tirei da mochila o meu diário gráfico e uma caneta e dei-lhos para que assinasse. Perguntou-me o nome e eu respondi: Ana. Amália escreveu “para a Ana, com beijinho, Amália”.

Quando a Sara Cavaco me convidou para fazer um projeto sobre a Amália, para a segunda parte da exposição *Amália: Saudades do Brasil – A trajetória de Amália Rodrigues desde a sua chegada ao Brasil em 1944*, a ser realizada no Rio de Janeiro, ocorreu-me de imediato o autógrafo que tinha pedido à Amália. Parecia-me ter ali um ótimo ponto de partida para desenvolver na minha série de trabalhos onde mostro 30 fotografias e um texto que conta uma história. É um protocolo artístico a que recorro para contar episódios do meu quotidiano.

No desenrolar da conversa sobre a exposição contei à Sara, que tinha conhecido Amália brevemente e que me tinha dedicado o autógrafo que lhe então lhe pedi. Mas, já não o possuía. Tinha-o oferecido à minha ex-namorada, que nessa altura vivia em Nova Iorque e que, por coincidência, também se chama Ana. No entanto, a história que eu queria contar seria sobre o autógrafo.

Ao que a Sara me disse “mas a Ana Rodrigues tem um autografo da Amália que também diz “para a Ana, beijinho, Amália”.

Quis o fado que esta outra Ana, não só tivesse um autógrafo semelhante ao que eu tive, como ainda durante muitos anos, tivesse guardado recortes de jornais com notícias sobre a Amália.

Naquele momento pensei que o trabalho seria feito com base nessa compilação de recortes de notícias e da dedicatória. O que me interessava abordar era um conjunto de questões em torno do universo emocional de quem partilha o entusiasmo de pedir autógrafos a figuras que admiramos e que fazem parte da nossa cultura Pop.



Quando se pede um autógrafo a uma pessoa famosa, somos imediatamente resgatados do anonimato, já não somos mero público, foi-nos concedida a passagem para a celebridade. A nossa relação com aquela figura personaliza-se e a assimetria parece diluir-se.

Ídolo, ilusão, inconsciente, individualização, importância, interesse, *id*, imersão, integram um inventário de idealização que nos impulsiona a querer um autógrafo.

“para a Ana, beijinho, Amália”, as mesmas palavras, tão genéricas, mas o meu autógrafo será sempre o meu. Para cada autógrafo, há um universo emocional próprio que lhe está associado.

Os autógrafos contam sempre histórias. No caso da Amália pressinto que as palavras lacónicas e repetidas das dedicatórias encerram histórias plenas de emoções e sempre diferentes.

Amália tornou-se numa estrela maior, não era mais uma cantora de fado, era agora a alma de um povo sem os lastros da ligação ao antigo regime salazarista, que tanto a tinham penalizado. Na década de 80, Amália foi recuperada por uma vanguarda de um Portugal que se queria tornar cosmopolita, nomeadamente na cena artística musical, dando-se uma viragem no gosto e tornando o fado um fenómeno mais amplamente partilhado.

O fado é português. Fado significa também destino e alguns dos temas cantados são a saudade, a nostalgia e o amor. O fado pertence à lista do Património Oral e Imaterial da Humanidade da UNESCO. O fado é universal.

EN

In the late 1980's and until 1994, I travelled several times to New York. On one of the return trips to Lisbon, as I was waiting in a departure lounge at John F. Kennedy Airport, Amália appeared accompanied by her musicians to board the same plane. She had given a concert on the 2nd of November 1990 at the Town Hall of New York, which had, of course, been a success.

I couldn't resist and asked for an autograph. I took my graphic journal and a pen from my backpack and gave them to sign. She asked me my name and I answered: Ana. Amália wrote "to Ana, with a kiss, Amália".



When Sara Cavaco invited me to do a project about Amália for the second part of the exhibition *Amália: Saudades do Brasil - The trajectory of Amália Rodrigues since her arrival in Brazil in 1944*, to be held in Rio de Janeiro, the autograph I had asked Amália immediately occurred me. It seemed to me to be a great starting point to develop in my work series where I show 30 photographs and a story-telling text. It is an artistic protocol that I use to tell episodes of my daily life.

In the course of the conversation about the exhibition, I told Sara, I had met Amália briefly and she had given me an autograph. But I no longer had it. I offered it to my ex-girlfriend, who was living in New York at the time and who, coincidentally, is also named Ana. However, the story I wanted to tell was about the autograph.

To which Sara told me “but Ana Rodrigues has an Amália autograph who also says “to Ana, with a kiss, Amália”.

By luck this other Ana, not only had a similar autograph to the one I had but for many years, had kept clippings of news about Amália.

At that moment I thought the work would be done based on this compilation of news clippings and dedication. What I was interested in addressing was a set of questions around the emotional universe of those who share the enthusiasm of asking for autographs from figures we admire and who are part of our Pop culture.

When we ask an autograph from a famous person, we are immediately rescued from anonymity, we are no longer mere public, we have been granted the ticket to celebrity. Our relationship with that figure becomes personalized and the asymmetry seems to be diluted.

Idol, illusion, unconsciousness, individualization, importance, interest, id, immersion, are part of an idealization inventory that drives us to want an autograph.

“For Ana, with a kiss, Amália”, the same words, so generic, but my autograph will always be mine. For each autograph, there is an emotional universe associated with it.

Autographs always tell stories. In the case of Amália, I presume that the laconic and repeated words of the dedications contain stories full of emotions and always different.



Amália became a bigger star, no longer a fado singer, but the soul of a people without the ballast of the old Salazar regime, which had consequently penalized her. In the 1980's, Amália was rescued by a vanguard of a Portugal that wanted to become cosmopolitan, particularly in the music art scene, turning its taste and turning fado into a more widely shared phenomenon.

Fado is Portuguese. Fado also means destiny and some of the themes sung are nostalgia, nostalgia and love. Fado belongs to UNESCO's List of Oral and Intangible Heritage of Humanity. Fado is universal.

Fotografia / Photography - Dimensões variáveis / Variable dimensions

PT

fotografia (33 imagens 24x30cm impressas a jacto de tinta sobre papel *Cotton Radiant White* 270gr)

EN

photography (33 images 24x30cm printed in ink jet on paper *Cotton Radiant White* 270gr)